

ENTRE HISTÓRIAS E ESTÓRIAS: A ESCRITA LITERÁRIA MIACOUTIANAAna Claudia Servilha Martins ¹

RESUMO: Este artigo visa propor uma reflexão sobre a escrita da história de Moçambique, na literatura do escritor moçambicano Mia Couto. A literatura como processo histórico, de natureza estética, possibilita ao autor, “reinventar” uma nação, um *locus*. O cidadão de um mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas perpassa o viés literário da escrita miacoutiana. Nessa vertente, é imprescindível dar significação a uma nação que luta pelo direito à diferença. Para o estudo das análises propostas, temos como objeto de estudo as obras *Terra Sonâmbula* (1992) e *Antes de Nascer o Mundo* (2009), ambas do respectivo autor. Para o desenvolvimento das análises recorreremos às leituras de Antonio Candido em *Literatura e sociedade* (2008), Ana Mafalda Leite em *Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas* (2012), Benjamin Abdala Jr. em *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas* (2004) entre outros referenciais pertinentes aos diálogos propostos. O propósito deste trabalho é ampliar análises em torno da nação multicultural moçambicana, pretendendo-se, assim, lançar um novo olhar sobre a produção cultural na qual se insere a literatura realizada por Mia Couto.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Moçambique; Mia Couto.

BETWEEN STORIES AND STORIES: THE MIACOUTIAN LITERARY WRITING

ABSTRACT: This article aims to propose a reflection on the writing of the history of Mozambique in the literature of the Mozambican writer Mia Couto. Literature as a historical process, aesthetic in nature, enables the author to “reinvent” a nation, a locus. The citizen of a world of dissolved boundaries and broken continuities pervades the literary bias of Mycoutian writing. In this sense, it is essential to give meaning to a nation that fights for the right to difference. For the study of the proposed analyzes, we have as object of study the works *Terra Sonâmbula* (1992) and *Before the World Was Born* (2009), both of the respective author. For the development of the analyzes we resort to the readings of Antonio Candido in *Literature and Society* (2008), Ana Mafalda Leite in *African Literatures and Postcolonial Formulations* (2003), Benjamin Abdala Jr. in *Margins of Culture: Mestizaje, Hybridism & Other Mixtures* (2004) among other references relevant to the proposed dialogues. The purpose of this paper is to broaden analyzes around the Mozambican multicultural nation, plurality and cultural conjunctures that compel us to take a new look at the cultural production into which the literature is inserted. by Mia Couto.

KEYWORDS: Literature; Mozambique; Mia Couto.

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: anaclaudiaservilha@gmail.com.

INTRODUÇÃO

António Emílio Leite Couto - o Mia Couto - nasceu em Moçambique, na cidade da Beira, em 05 de Julho de 1955. Filho do poeta e jornalista português Fernando Couto, é formado em Biologia, atua como jornalista e escritor literário.

A literatura e o jornalismo desenvolvidos por Mia Couto, a partir de 1980, exploram a importância de uma literatura engajada às reivindicações sociais do país moçambicano no século XX. Como afirmam Macêdo e Mâquea:

a proximidade entre o jornalismo e a literatura permitiu, desde os primórdios da imprensa, um espaço cotidiano para o desenvolvimento de estilos, próprios para o exercício da linguagem, em que a elaboração de formas e temas torna a crônica jornalística em crônica literária de modo a nenhuma excluir a outra (2007, p. 11).

É a luta constante de Couto e demais autores africanos “na participação activa da construção de uma sociedade livre e mais justa para Moçambique” (CAVACAS, 2000, p. 90). A preocupação identitária aparece quase na totalidade das obras de deste escritor, pois Moçambique é uma história a ser contada e as relações entre África e a Europa simbolizam suas próprias raízes mestiças e híbridas.

Ao pensarmos no gênero romanesco na contemporaneidade, devemos considerar o que nos diz o estudioso Giorgio Agambem em *O que é o contemporâneo* (2009), no qual afirma que o “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEM, 2009, p. 6). Nessa pragmática, Mia Couto mantém o compromisso com o seu próprio tempo, detendo-se na busca de uma visão mais clara sobre o presente, em consonância com o pensamento de Edward Said:

muitos escritores contemporâneos “funcionam como uma espécie de memória pública: lembram o que foi esquecido ou ignorado, fazem conexões, contextualizam e questionam aquilo que aparece como “verdade” definitiva nos jornais ou na televisão (2003, p. 251).

Devidas perspectivas teóricas, subjaz a literatura transcendente de papel e letras impressas da literatura miacoutiana, pois “tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado” (BURKE, p. 11, 1992).

ENTRE HISTÓRIAS E ESTÓRIAS: A ESCRITA TRANSCENDENTE DE LETRAS IMPRESSAS

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

A ficção de Mia Couto ambienta os efeitos críticos da colonização e da guerra civil. O autor não deixa de contar histórias que agora se afirmam no período pós-colonial e protagonizam novos homens e mulheres, indivíduos sem fronteiras. Elenca a inconsistência da construção da identidade, apontando um *eu* que está em movimento, buscando construir outros *eus* sem deixar de ser o que é.

Tais considerações reiteram o que discute Benjamin Abdala Junior sobre o hibridismo das múltiplas culturas. Para ele, o hibridismo são mestiçagens sucessivas, assimilações e trocas permanentes, ou como Couto afirma, é o lugar da “reinvenção de mim” (1997, p.59). O hibridismo,

Ao contrário do que pensaria um liberal, não significa ausência de tensões entre constituintes heterogêneos – um campo conveniente para a imposição da lei do mais forte, mascarado de competência tecnológica. Pressupõe, ao contrário, a possibilidade de se desenvolver práxis mais ativas, criativas e livres, sem preconceitos, já que todos não deixamos de ser híbridos ou mestiços (ABDALA, 2004, p.19).

Mia Couto oferece representações das novas formas e possibilidades de perceber o outro. Essa literatura adentra outros territórios, espaços e culturas. Ela relata, partindo da ficção, vozes subalternizadas pelo poder colonial e pelas estruturas rígidas do sistema capitalista e neocolonial.

A literatura contemporânea desse escritor apresenta o desafio intelectual entre ficção e realidade, em um espaço de negociação entre o presente e o passado. Em concordância ao pensamento de Antonio Candido:

Há no estudo da obra literária um momento analítico que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, a atuação psíquica e social a fim de reforçar a concentração necessária na obra como objeto de conhecimento e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra em sua função como sistema de projeção da experiência humana (1965, p. 89).

Os romances analisados aqui encenam essa reformulação do romance histórico, permeiam o recente sistema literário moçambicano, que reescreve a história nacional pelos liames da ficção. O passado alimenta o presente, o sonho em virtude da realidade, o opressor na face do oprimido, a memória como fuga do esquecimento, a resistência como regra do existir, a oralidade como voz da escrita, essas unidades constituem o liame de devida literatura.

A obra *Terra Sonâmbula*, primeiro romance de Mia Couto, privilegia os dezesseis anos da guerra civil (1976-1992), em Moçambique. O panorama histórico desse cenário está presente na escrita do autor que desenvolve personagens, paisagens e contextos

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

engendrados no pano de fundo da guerra, marginalização, desumanização e opressão dos colonizadores para com os moçambicanos.

O romance intercala o narrador em primeira e terceira pessoa, entrecruzam-se as narrativas de Kindzu e do miúdo Muindinga, e o velho Tuahir, não desfechando as histórias. Muindinga assume o representar de memórias e vozes silenciadas e traumatizadas coletivamente ao longo da História. Ao desaprender seu nome, sua identidade, o personagem referencia uma nação africana/ moçambicana em caminho da reconstrução da própria identidade.

O reaprendizado de Muindinga só ocorre na medida em que se põe a ler os cadernos de Kindzu. O velho Tuahir, ignorante das letras, não lhe despertara a faculdade da leitura:

O miúdo se levanta e escolhe entre os papéis, receando rasgar uma folha escrita. Acaba por arrancar a capa de um dos cadernos. Para fazer fogo usa esse papel. Depois se senta ao lado da fogueira, ajeita os cadernos e começa ler. Balbucia letra a letra, percorrendo o lento desenho de cada uma. Sorri com a satisfação de uma conquista. Vai se habituando, ganhando despacho.

- Que estás a fazer, rapaz?

- Estou a ler.

- É verdade, já esquecia.

Você era capaz de ler. Então leia em voz alta, que é para me adormecer (COUTO, 2007, p. 14).

A escrita aparece como possibilidade de libertação e iniciação, pois à medida que “o miúdo lê em voz alta. Seus olhos se abrem mais que a voz que, lenta e cuidadosa, vai decifrando as letras. Ler era coisa que ele apenas agora se recordava saber” (COUTO, 2007, p. 14). O velho Tuahir, ignorante das letras, não lhe despertara a faculdade da leitura. “A lua parece ter sido chamada pela voz de Muindinga, a estrada escuta a estória que desponta dos cadernos” (COUTO, 2007, p. 15).

No romance *Antes de nascer o mundo*, o personagem-narrador Mwanito, assim como Muindinga, também se liberta a partir da escrita:

E foi assim que começaram as primeiras lições. Uns prendem por cartilhas, em salas de aula. Eu me iniciei soletrando receitas de guerra. A minha primeira escola era o paiol. As aulas ocorriam na penumbra do armazém, nos longos períodos em que Zacaria estava ausente, aos tiros pelo mato.

Não tem medo de sermos apanhados, Ntunzi?

Você deve ter medo é de não saber. Depois da leitura, vou ensinar- lhe a escrever. Não tardou que comessem as clandestinas lições da escrita. Um pequeno graveto rabiscava na areia do quintal e eu, deslumbrado, sentia que o mundo renascia como a savana depois das chuvas. Aos poucos, eu entendia as interdições de Silvestre: a escrita era uma ponte entre tempos passados e futuros, tempos que, em mim, nunca chegaram a existir. (COUTO, 2009, p. 41 – 42)

Analisando a narrativa, percebe-se que Mia Couto continua a trabalhar com esses elementos. Com duas vozes enunciativas, o autor vai construindo dois planos narrativos, Mwanito o primeiro narrador e a portuguesa Marta, a segunda voz enunciativa. Na perspectiva de Léia Gomes Torres:

Mwanito no início da narrativa não sabia ler nem escrever, já Marta tinha propriedade na escrita. Temos também a representação da voz do colonizado (Mwanito) e a voz do colonizador (Marta). Mwanito dialogando com a tradição e a cultura de origem do povo moçambicano e Marta representando a influência da cultura colonizadora sobre a colônia, a exemplo disso, a escrita em língua portuguesa. A obra coutiana apresenta assim, a dualidade entre tradição e modernidade, numa vertente autobiográfica tanto dos narradores, como do próprio autor. Usa-se a língua (oficial) portuguesa, que já foi objeto de repressão como artifício de libertação (2014, p. 65).

A dualidade entre tradição e modernidade direciona possíveis estradas abertas no artifício da libertação, constituindo uma base comum da lembrança. A partir daqui, o texto se propõe a falar de identidades, enumerando personagens. O personagem Mwanito anseia por uma memória que lhe foi roubada por Silvestre Vitalício, seu pai, este que busca pelo não lembrar a compensação pela perda de sua mulher Dordalma em sua terra inventada, *Jesusalém*. É pela negação que o pai de Mwanito busca se reconstruir dos abismos que o cercam e os desmotivam a viver:

É por isso eu vocês não podem nem sonhar, nem lembrar. Porque eu próprio não sonho, nem lembro.
 - Mas pai, o senhor não tem memória da nossa mãe? Nem dela, nem da casa, nem de nada.
 - Já não me lembro de nada” (COUTO, 2009, p. 18).

A narrativa é construída através de novas identidades, buscando seu lugar de pertencimento, como ainda hoje vive o povo moçambicano. Na procura de sua identidade, Mwanito quer obter a lembrança da mãe, que pode simbolizar a busca de referência identitária da pátria moçambicana, Marta quer encontrar o marido Marcelo, que veio a Moçambique na profissão de fotógrafo, e jamais retornou a Portugal.

Mia Couto, nas suas ficções, traz o passado como um lugar de pesquisa e memória, sendo que as personagens principais destacadas na obra *Terra Sonâmbula*, Muidinga, Tuahir e Kindzu (pelos seus escritos), formam importantes unidades da cultura tradicional do país moçambicano.

Os manuscritos de Kindzu apresentam, de acordo com a crítica literária Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira (2009, p. 9), “uma fonte inesgotável de sonho e de alegria para Tuahir e Muidinga, pobres desgraçados que se encontram no interior de um

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

ônibus incendiado para tentar escapar do inferno da guerra”. Apresentam o imaginário vivo daqueles que almejam no futuro uma sociedade moçambicana livre das opressões coloniais.

As vozes narrativas, autodieéticas do romance, enunciam narrativas do *eu*. Na obra, existe o confronto entre o lembrar e o esquecer, entre a memória oficial e as memórias subterrâneas. Existe a tensão de personagens que lutam pelo direito à memória e à ressignificação da sua própria identidade.

Cinco personagens principais compõem o romance *Antes de nascer o mundo*: Silvestre Vitalício, que exerce o papel de pai do jovem Mwanito (narrador inicial da narrativa de Ntunzi, irmão mais velho de Mwanito); Zacaria Kalash, um militar fiel às ordens de Silvestre Vitalício; Tio Aproximado, cunhado de Silvestre; e a Jumenta Jezibela, personagem que desperta um sentimento de ternura no amargurado Silvestre. Os presentes cinco personagens correspondem por uma “humanidade inteira”, correspondente à cidade de Jerusalém, “a terra onde Jesus haveria de descrucificar” (COUTO, 2009, p. 11).

Esse romance, no cerne do projeto literário de Mía Couto, pontua questões da história recente moçambicana, revelando, como em *Terra Sonâmbula*, a emancipação política advinda dos conflitos de colonização e pós-regime colonial no país dos anos oitenta e noventa.

PÓS-COLONIALISMO: MEMÓRIA E HISTÓRIA

A descolonização não é um processo que se efetiva de forma unificada e homogênea. O continente africano continua demarcado pelo jugo colonial, possuindo histórias díspares e olhares desacreditados da subversão de culturas. O crítico literário Thomas Bonnici nos acrescenta que:

A ruptura operada pela literatura pós-colonial e a apropriação do idioma europeu para desenvolver a expressão imaginativa na ficção aconteceram após investigações e reflexões sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro (2000, p. 8).

Desse modo, o gênero romance permite representar a pluralidade de vozes, os discursos híbridos, as diversidades ideológicas, às múltiplas manifestações da linguagem e os diversos gêneros linguísticos dos sujeitos contemporâneos por intermédio da ficção. As produções miacoutianas inserem-se nessa pragmática, no percurso em que os escritores assumem a nacionalidade literária para deixar para trás as marcas do

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

colonialismo. A literatura nacional propõe uma nova reflexão em torno das problemáticas questões e preceitos do processo e percurso pós-colonial.

Conforme Ana Mafalda Leite, “o termo *pós-colonial* pode ser entendido como incluindo todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo obviamente, a época colonial” (2012, p.129- 130). Parte das produções literárias pós-coloniais, como a produzida por Mia Couto e demais autores, contemplam não apenas literaturas como de Moçambique e Angola, mas sentidos críticos sobre o período da colonização, consolidando um sistema literário construído e comprometido com uma literatura de ficção nacionalista. Acrescente-se que “a Literatura é um processo histórico, de natureza estética, que se define pela inter-relação das pessoas que a praticam, que criam certa mentalidade e estabelecem certa tradição” (CANDIDO, 1972, p.8).

Em diálogo com Candido, a literatura como processo histórico, de natureza estética, possibilita ao autor reinventar uma nação, um *locus*. Possibilita de forma engajada, estabelecer inter-relações que colocam em questão um “sujeito de identidades fragmentadas num território de várias línguas e várias etnias, cidadão de um mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas” (HALL, 2006, p. 21).

Moçambique é uma história a ser escrita agora, em tempos, espaços e identidades diversas que instituem uma paisagem complexa da modernidade. O autor declara que a “chamada “identidade moçambicana” só existe na sua própria construção. Ela nasce de entrosamento, de trocas e destrocas. No caso da literatura é o cruzamento entre a escrita e a oralidade” (COUTO, 2005, p. 208).

A tradução de universos pelo entrosamento de trocas e destrocas é o caminho literário de Mia Couto, que incorpora essa dinâmica. O mesmo afirma que para ganhar existência na atualidade, no terreno da modernidade:

Moçambique deve caminhar pela via da escrita. Entramos no mundo pela porta da escrita, de uma escrita contaminada (ou melhor fertilizada) pela oralidade... [...]. No fundo o meu próprio trabalho literário é um bocadinho esse resgate daquilo que se pode perder, não porque seja frágil, mas porque é desvalorizado num mundo de trocas culturais que se processam de forma desigual. Temos aqui um país que está a viver basicamente na oralidade. Noventa por cento existem na oralidade, moram na oralidade, pensam e amam nesse universo. Aí eu funciono muito como tradutor. Tradutor não de línguas, mas desses universos... (COUTO, 2005, p. 208).

Na inquietude e resgate daquilo que se pode perder, em um mundo de trocas culturais que se processam de forma desigual e desvalorizam a cultura africana/moçambicana, a literatura de Mia Couto confronta posicionamentos históricos

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

e possibilita aos personagens dos romances que desenvolvam a re-invenção das identidades abaladas pelo trauma e pela inquietude da memória. Para Seligmann-Silva (2005, p. 84), “o trauma é justamente uma ferida na memória”.

A descolonização não é um processo que se efetiva de forma unificada e homogênea. O continente continua demarcado pelo jugo colonial. Mesmo com histórias díspares, os países africanos continuam submersos aos olhares desacreditados da subversão de culturas. As narrativas miacoutianas trabalham justamente no campo da experiência plena do evento, que por vezes ultrapassa os limites da nossa capacidade de compreensão e discernimento.

CONCLUSÃO

O presente artigo apresentou uma abordagem literária do escritor moçambicano Mia Couto. Pelo estudo das narrativas, procurou-se compreender de que maneira o recente sistema literário moçambicano reescreve a história nacional pelos liames da ficção. Na literatura miacoutiana se encontra a artesanania da palavra, dos vocábulos, da oralidade e da escrita. Encontram-se o cotidiano de aldeias e comunidades do interior do país moçambicano. Insere-se a valorização do passado ancestral e cultural do país para que este continue sendo relevante na contemporaneidade. Conforme indaga Regina Dalcastagnè:

Afinal, o significado do texto literário – bem como da própria crítica que a ele fazemos – se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e da hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 32).

Os romances de Mia Couto validam o sistema de projeção das experiências humanas e simbolizam a resistência do indivíduo moçambicano que vive com a busca de pertencimento nas esferas sociais, culturais e políticas. A confluência entre passado e presente reforça a re-atualização do homem que busca respostas para lidar melhor com seu tempo e seus entraves. E ser contemporâneo significa, nesse sentido, “voltar a um presente em que jamais estivemos” (AGAMBEM, 2009, p. 70).

A literatura permite lidarmos com estes conceitos inicialmente singulares, mas que terminam por desaguardarem nas mesmas águas de maneira não excludente, mas

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

confluente com as novas possibilidades e conjunturas socioculturais na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR. Benjamin (Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais** - um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. Portugal: Editorial Caminho, 2002.

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. A Teoria do Romance. Editora Hucitec Ltda. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**. Maringá: EDUEM, 2000.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **A dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. **África & Brasil: letras em laços**. Maria Teresa Salgado. São Caetano do Sul: Yedis Editora, 2006.

CAVACAS, Fernanda. **Mia Couto: Pensatempos e improvérbios**. Lisboa: Mar Além; Instituto Camões, 2000.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras 1992.

_____. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras 2009.

CANDIDO, Antonio. **A formação da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e Escritas pós-coloniais**: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

MACÊDO, Tania; MAQUÊA, Vera. **Literaturas de língua portuguesa**: marcos e marcas. Moçambique. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. **As impermanências da paisagem em Terra Sonâmbula**: Sonho e Resistência. Disponível em: http://www.uff.br/revistaabril/revista-02/009_ana%20maria%20oliveira.pdf. Acesso em: 16/01/2019 às 13h30min.

SAID, Edward. W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SELIGMANN, Silva. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

SCHOLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009.

TORRES, Léia da Silva Gomes. **Entre literatura e opinião**: Vida Intelectual de Mia Couto pelas obras *Antes de Nascer o Mundo e Pensatempos*, 2014, 92fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra/MT.